

GRANDEZA
AFRICANA

MANUEL BELCHIOR
GRANDEZA AFRICANA

LENDAS DA GUINÉ PORTUGUESA



CAPA E ILUSTRAÇÕES DE
JOSÉ ANTUNES

ULTRAMAR

O primeiro trabalho que se publica é da autoria do Dr. Manuel Dias Belchior, e resulta de investigações e estudos cuidados e conscienciosos de quem, através da sua longa-carreira, sempre encarou os naturais africanos como pessoas humanas e sempre se colocou entre os que entendem que é necessário compreendê-los e estimá-los, para bem nos desempenharmos da missão que nos cabe de os promovermos socialmente e de os integrarmos de forma efectiva no Mundo português.

Deste livro ressaltam a probidade e a erudição do seu autor, esta última acumulada desde que começou a dedicar-se aos assuntos do Ultramar, nos bancos do Antigo Curso Superior Colonial, que frequentou de 1932 a 1936, que depois completou com o Curso de Altos Estudos de 1948 a 1950 e a que deu visão de maior amplitude ao frequentar como bolsheiro a École de la France d'Outre-Mer, efectuando então estágios no Senegal e na Guiné ex-Francesa.

A estes atributos académicos soma-se a experiência resultante de uma relativamente longa carreira administrativa, vivida no Ultramar desde 1938 a 1961 e depois como investigador da Junta de Investigações do Ultramar, em serviço da qual se deslocou à Guiné numa missão que está na base e tornou possível a publicação do presente livro, que documenta bem um dos aspectos múltiplos da «grandeza africana», de que muito interessa dar consciência aos jovens portugueses de hoje.

Donde se pode concluir, portanto, possuir o Dr. Dias Belchior as condições essenciais para que alguém se possa pronunciar de forma válida sobre os problemas actuais do Ultramar: ter meditado e estudado os seus problemas e as grandes correntes mundiais sobre eles existentes, possuir experiência vivida localmente com dedicação e probidade e ser dotado de sensibilidade norteada pelos princípios cristãos.

Muito me apraz, portanto, juntar algumas palavras como prefácio a este livro, magnífico, onde se incluem, lógicamente, as que de justiça são devidas ao seu Autor.

Para além disso, não resisto a acrescentar e dedicar uma palavra à Guiné, minha iniciação no Ultramar e a quem fiquei preso por indissolúveis sentimentos — à Terra vermelha e ardente, à verde vegetação luxuriante e às suas variadas gentes, e onde me foi dado ver com os meus olhos não ser utopia poderem conseguir os Portugueses moldar uma sociedade multirracial nos seus territórios, que em estado tão avançado de interpenetração já existia, de Bissau a Buruntuma e de Varela a Cacine.

Assim não se metessem outras forças de permeio.

Ao ler este livro revivi intensamente o meu tempo da Guiné: o pundonor dos fulas, nossos principais colaboradores da pacificação, os dotes dos mandingas, e recordei o régulo Alarba, solícito e amigo,

ficando-me o pesar de que ele já não pudesse ver em letra de forma as suas canções.

Mas, a promessa cumpriu-a quem a fez, que não esquece de mencionar no seu livro a fonte donde colheu inspiração. Foi promessa de português e de homem de palavra. Foi saldada mesmo quando já não a podia invocar a quem foi feita.

Porém, no que eu pensei, emocionadamente, e sabe Deus com que saudade, foi nesses jovens com quem na Guiné tanto convivi. Eram jovens que não tinham cor. A única cor de que me recordo deles era a da sua camisa verde, que vestiam com tanto gosto. E eram todas da mesma cor as camisas de Mansoa do Marcelino, as do Liceu do Vasco Ferreira, as da Milícia do Anjos, as dos Jograis do António Pedro e também as das Missões de Bissau do Cabral.

Isto trouxe-me, em contrapartida, um pensamento de tristeza. Passados alguns anos nem todos eles são já da mesma cor, porque houve quem quisesse e conseguisse convencer alguns, não muitos, que era errado o que lhes dizia, ou melhor, o que se vivia, quando acreditavam sem reservas que todos eram como de uma cor só.

E o meu pensamento ficou insistentemente preso nos últimos, nos que se desviaram, com a certeza de que hão-de vir a compreender que se enganaram, que os enganaram, quando os induziram, e sabe-se bem porquê, a olhar, antes do mais, para a cor dos homens e a odiar aqueles que não tivessem a pele igual à sua.

E não se afastou de mim, que os conheci tão de perto, a enorme mágoa de saber que tinha sido possível afastá-los para tão longe. Mas pensei também que isso não haveria de acontecer para sempre.

Uma última palavra entendo dever acrescentar, como síntese fundamental deste livro para rapazes, onde os homens crescidos podem também aprender e encontrar fartos motivos de interesse.

Esta síntese, aliás, é feita, no prólogo, pelo Autor, quando diz que «os homens diferem muito pouco nos seus sentimentos, nas suas reacções e que a alma e a sensibilidade africanas estão mais perto de nós do que muitos imaginam».

É uma conclusão que podem tirar todos os que, ao lerem as Lendas da Guiné Portuguesa, virem exaltadas a virtude da fidelidade, o heroísmo, o respeito à palavra dada, que o medo da morte não consegue vencer, a hospitalidade, a valentia e a aspiração da glória, a dignidade e a decisão de lutar até ao fim, se necessário, com adversários muito mais fortes, quando há que defender direitos e princípios de ordem espiritual.

São virtudes fulas e mandingas, são também virtudes caracteristicamente portuguesas, identidade que mostra estarem errados quantos pensarem encontrar solução para os problemas da África de hoje, abstraindo da condição espiritual e humana dos seus naturais.

É esta a lição fundamental a extrair da leitura do presente livro que ilustra a «grandeza africana», através de lendas fulas e mandingas da Guiné Portuguesa.

Esta, e também a de que as virtudes não são privilégios dos homens de uma só cor. Elas existem, ou faltam, a homens de todas as cores, para os distinguir, isso sim, em homens bons e homens maus.

Major Carlos Gomes Bessa

Comissário Nacional Adjunto para o Ultramar
da Mocidade Portuguesa